

# IONA GREY

## Cartas a um Amor Perdido

\* 4.16 \*  
Goodreads

\* 4.5 \*  
Amazon

TOP  
SEL  
LER

«Uma história épica de amor e perda  
que lhe vai partir o coração.»

**Santa Montefiore**

*Às minhas filhas*

# PRÓLOGO

MAINE, FEVEREIRO DE 2011

A casa é mais bonita de manhã. Desenhara-a para ser assim, com janelas amplas, muito amplas, que se estendem do chão até ao teto, para deixarem entrar a areia, o mar e o céu amplo, muito amplo. Pela manhã, a praia está vazia e limpa, uma página em branco na qual o dia ainda terá de ser escrito. E o nascer do Sol sobre o Atlântico é um milagre diário que ele se sente honrado por poder testemunhar.

Nunca esquece como tudo podia ter sido diferente.

Na casa não existem cortinas, nada que oculte a vista. As paredes são brancas e tingem-se de luz; pérola-pálido ou cor-de-rosa como o interior de uma concha, ou o dourado intenso e cálido do xarope de ácer. Dorme pouco por estes dias e grande parte do tempo passa-o acordado para ver a aurora estender-se aos poucos pelo horizonte. Às vezes acorda sobressaltado, sentindo o familiar toque no ombro.

*Tenente, são 4h30 da manhã e hoje vai voar...*

Fecha-se um círculo. O dedo que o desenha no vidro embaciado está lentamente a aproximar-se do começo, do ponto onde tudo teve início. Por aqueles dias as memórias acompanham-no de forma quase constante, as suas cores frescas, as suas vozes enérgicas. Amanheceres de outros tempos. O odor do

combustível e do metal quente. O queixoso e primitivo matraquear dos motores na pista e uma marca vermelha num mapa.

*Hoje, cavalheiros, o vosso alvo é...*

Já passou tanto tempo... Quase uma vida inteira. É o passado, mas não parece ter terminado. A marca estende-se pelo oceano do outro lado da sua janela, para lá do distante horizonte, até Inglaterra.

A carta repousa por entre frascos de comprimidos e pacotes de agulhas esterilizadas que se encontram sobre a mesa de cabeceira ao lado dele, o seu familiar endereço tão evocativo quanto um poema. Uma canção de amor. Esperou demasiado tempo para escrevê-la. Durante anos tentou resignar-se a como as coisas eram e a esquecer como deveriam ter sido, mas à medida que os dias se encurtam e as forças começam a deixá-lo apercebe-se de que é impossível.

As coisas que deixamos para trás são as que importam, como rochas expostas pela maré baixa. E assim escreveu a carta, e agora aguarda impaciente para que empreenda a sua viagem — em direção ao passado.

# 1

*LONDRES, FEVEREIRO DE 2011*

**E**ra uma zona agradável de Londres. Respeitável. Próspera. As lojas que ladeavam a rua do centro, com aspeto de vilarinho, encontravam-se fechadas e com as persianas metálicas corridas, mas conseguia ver-se que eram sofisticadas, e havia restaurantes — tantos restaurantes —, com as janelas iluminadas como enormes ecrãs de televisão, mostrando as pessoas no interior. Pessoas demasiadamente bem-educadas para se virarem e olharem boquiabertas para a rapariga que corria pela rua.

Não corria para fazer desporto, vestida de licra, com auriculares e uma expressão concentrada, mas de forma desordenada, desesperada, com a saia curta subida até às cuecas e os pés descalços a pisar as poças de água oleosa que abundavam no passeio. Tirara aqueles sapatos absurdos ao deixar o pub, consciente de que não chegaria muito longe com eles calçados. Salto de agulha e plataforma à frente: o equivalente do século XXI à bola de ferro e aos grilhões.

Ao chegar à esquina hesitou, respirando com dificuldade. Do outro lado da rua havia uma fila de lojas com uma ruela de um lado; atrás de si escutava o eco forte de passos. Retomou a corrida, procurando a escuridão. Viu um jardim traseiro com caixotes de lixo. Uma luz de segurança explodiu por cima da sua cabeça, iluminando cacos de vidro e arbustos por aparar para lá de um portão

alto de madeira. Abriu-o e entrou, estremeçando e lamuriando à medida que o chão sob os seus pés deixou de ser de asfalto duro para ser de terra húmida e fria que lhe atravessava os collants já molhados. Mais à frente avistou o brilho de um poste de iluminação pública. Era um ponto para onde se podia dirigir; afastou os ramos e emergiu numa estreita ruela.

De um lado estava flanqueada por garagens e pelas traseiras das casas, pelo outro por uma fila de vivendas idênticas. Girou nos calcanhares, o coração a martelar contra a caixa torácica. Se ele a seguisse para ali não teria onde se esconder. Ninguém o veria. As janelas das casas brilhavam por trás de cortinas corridas, lembrando olhos sonolentos. Por instantes contemplou a possibilidade de bater à porta de uma das vivendas e colocar-se à mercê dos seus habitantes, mas dando-se conta do seu aspeto, com o vestido colado ao corpo e a maquilhagem de palco, descartou de imediato essa ideia e avançou aos tropeços.

A última casa estava às escuras. Quando se aproximou pôde ver que o jardim estava negligenciado, com ervas a crescerem até à porta da frente e um matagal a invadi-la de um dos lados. As janelas estavam despidas e negras, e os vidros cobertos de sujidade engoliram o seu reflexo.

Ouviu de novo aproximar-se o eco de pés que corriam. E se tivesse pedido aos outros que também a procurassem? E se vinham na direção contrária, cercando-a e deixando-a sem escapatória? Por momentos ficou paralisada, e logo depois a descarga de adrenalina, quente e pungente, pô-la de novo em movimento. Como não tinha outro lugar para onde ir, deslizou pela lateral da última casa, entre a parede e o emaranhado de folhagem. O pânico fê-la avançar, tropeçando em ramos e sentindo um fedor animal e desconhecido que quase a fez vomitar. Algo saiu disparado de uma sebe junto aos seus pés, tão perto que sentiu o pelo áspero a roçar-lhe na canela. Recuando, tropeçou. Torceu o tornozelo e uma dor intensa invadiu-lhe a perna.

Sentou-se na terra húmida e agarrou-se ao tornozelo com toda a força, como se dessa forma pudesse obrigar a dor a regressar ao sítio de onde tinha vindo. Os seus olhos encheram-se de lágrimas; contudo, nesse momento escutou passos e um grito furioso e solitário oriundo da parte da frente da casa. Cerrou os dentes, imaginando o Dodge sob a luz do poste, com as mãos na cintura enquanto olhava para um lado e para o outro, com aquela expressão beligerante — maxila projetada, olhos semicerrados — que sempre adotava quando era contrariado.

Susteve a respiração e pôs-se à escuta. Os segundos estenderam-se e vibraram de tensão, até que por fim distinguiu o som de passos que se afastavam. O ar abandonou os seus pulmões e ela deixou-se cair para a frente, aliviada.

O dinheiro tilintou no seu bolso: 50 libras — tirara apenas aquilo que era seu, não o que pertencia ao resto da banda, mas ele não iria gostar. Era ele que tratava dos contratos, era ele que ficava com o dinheiro. Levou a mão ao bolso para sentir o toque ceroso das notas mil vezes manuseadas e uma ínfima sensação de triunfo brilhou no seu coração.



Nunca forçara a entrada numa casa e, no entanto, era surpreendentemente fácil.

A parte mais complicada foi atravessar a sebe e abrir caminho pelo jardim, por entre espinheiros e urtigas, com o tornozelo a latejar e a arder-lhe. O vidro da porta das traseiras era tão quebradiço e fácil de partir quanto a camada de gelo numa poça de água no inverno, e a chave ainda se encontrava na fechadura, do outro lado da porta.

A cozinha era pequena e tinha um pé-direito baixo. Cheirava a mofo, como se estivesse fechada há muito tempo. Virou-se lentamente, perscrutando a escuridão em busca de algum sinal de vida. A planta no peitoril da janela havia-se transformado num monte enrolado de folhas secas sobre terra ressequida, mas havia uma chaleira sobre o bico do fogão e canecas penduradas numa fileira de ganchos sob uma prateleira apoiada na parede, como se a qualquer momento o ocupante pudesse entrar e fazer um chá. Estremeceu e os pelos da nuca eriçaram-se-lhe.

— Está aí alguém?

Falou em voz alta, com uma confiança que não sentia. A sua voz soou estranha — monótona e com um sotaque do Norte que chegava a ser cómico.

— Está aqui alguém?

O silêncio envolveu-a. Num súbito instante de inspiração remexeu no interior dos bolsos do casaco e encontrou um isqueiro de plástico. O círculo dourado emitido pela chama era diminuto, mas ainda assim suficiente para revelar azulejos de cor creme, um calendário com a imagem de um castelo por cima da data «julho de 2009» e uma espécie de guarda-louça de estilo antigo, com portas de vidro na metade superior. Avançou desastradamente e apoiou-se na ombreira da

porta quando a dor na perna se tornou mais intensa. Na divisão seguinte, o brilho da pequena chama iluminou uma mesa junto à janela e um aparador sobre o qual figuras femininas de porcelana faziam vénias e piruetas para um público invisível. As escadas elevavam-se de um estreito corredor. Parou aí ao fundo. Olhando para a escuridão à sua frente voltou a falar, dessa vez num tom mais suave, como se chamasse um amigo.

— Olá? Está alguém em casa?

Foi saudada pelo silêncio e do andar superior chegou-lhe o ligeiro odor a um perfume antigo, como se tivesse perturbado o ar que se encontrava ali estancado há muito tempo. Devia subir para se certificar de que não havia alguém lá em cima, porém a dor no tornozelo e a sensação de absoluta quietude dissuadiram-na.

Na sala da entrada deixou extinguir a chama, não querendo que pudesse ser vista da rua. Da janela pendiam umas cortinas que não fechavam por completo, mas a luz do poste de iluminação que entrava pela abertura era suficiente para deixar ver um sofá descaído ao meio e encostado a uma parede, com uma manta feita de quadrados com cores destoantes a tapar as costas. Cautelosamente espreitou lá para fora, procurando o Dodge, mas a porção de luz que rodeava o poste continuava quieta e intacta. Encostou-se a um cadeirão e respirou com mais tranquilidade.

Naquela casa tinha vivido uma pessoa idosa, isso era evidente. O televisor era gigantesco, comicamente antiquado, e havia um aquecedor elétrico diante da lareira tapada. Junto à porta da frente havia-se acumulado uma pilha de correio como um monte de folhas de outono sopradas pelo vento.

Coxeou de volta à cozinha e abriu a torneira do lava-louça, deixando por instantes a água correr pela sonora canalização antes de formar uma concha com as mãos e beber. Perguntou-se quem viveria ali e o que lhes teria acontecido; se teriam ido para um lar ou falecido. Quando uma pessoa morria a casa era esvaziada, seguramente... Pelo menos fora isso que acontecera com a sua avó. Uma semana depois do funeral toda a roupa e fotografias, pratos e panelas, assim como a vasta coleção de porcos de porcelana e os fragmentos da estilhaçada infância da Jess haviam sido empacotados e repartidos de forma a que a câmara municipal pudesse preparar a casa para um novo inquilino.

Sentia a escuridão musgosa e húmida contra a pele. Sentiu pele de galinha nos braços, por baixo do casaco de falso couro. E se o proprietário tivesse



morrido e ainda ninguém o encontrara? Um qualquer instinto masoquista despertado pela escuridão e pelo silêncio levou-a a imaginar um cadáver em decomposição numa cama do andar superior. Enxotou aquele pensamento com determinação, recuperando o bom senso. Fosse como fosse, que mal podiam os mortos fazer? Um cadáver não nos rachava o lábio, não roubava o dinheiro nem nos apertava o pescoço até vermos estrelas.

De súbito sentiu-se exausta, a dor latejante no tornozelo a irradiar, pelo que todo o seu corpo pulsava de esgotamento. Regressou titubeante à sala de entrada e deixou-se cair sobre o sofá, apoiando a cabeça nas mãos ao mesmo tempo que a enormidade dos acontecimentos tomava conta dela.

Merda. Tinha arrombado uma casa. Podia estar vazia e negligenciada, mas mesmo assim... O arrombamento não era como roubar um pacote de batatas fritas na loja da esquina, para evitar que nos chamassem morta de fome por ter uma refeição gratuita na escola. Era um nível de criminalidade completamente diferente.

O lado positivo era que tinha escapado. Não estava de regresso ao apartamento em Elephant & Castle como Dodge. Não teria de suportar a luxúria que o consumia depois de uma noite de cervejas, vendo-a cantar com as roupas de prostituta que a obrigava a vestir. Nem naquela noite nem nunca mais. A primeira coisa que faria quando o tornozelo estivesse melhor era entrar numa loja de roupa em segunda mão e gastar algum do dinheiro em roupa decente. Roupa quente. Roupa que lhe cobrisse o corpo, em lugar de o exhibir como um artigo na montra de uma loja de saldos.

Estremecendo recostou-se, apoiando a perna no braço do sofá e acomodando-se nas almofadas com odor a cigarro. Perguntou-se onde estaria o Dodge naquele momento; se teria desistido de a procurar e regressara ao apartamento, confiando que ela acabaria por voltar. Precisava dele, como gostava de recordar; precisava dos seus contactos, dos contratos e do seu dinheiro, porque, sem ele, quem era ela? Ninguém. Uma zé-ninguém do Norte com uma voz igual à de uma centena de aspirantes a estrelas. Uma voz que nunca alguém teria escutado se não fosse ele.

Puxou a manta de croché das costas do sofá e tapou-se com ela. Passada a descarga de adrenalina sentia-se pesada e fraca, e deu-se conta de que pouco se importava onde estava o Dodge, porque, pela primeira vez em seis meses, aquilo que ele pensava, sentia ou desejava não a afetava minimamente.

A casa desconhecida foi sossegando em redor, chamando-a para a sua quietude. Os ruídos da cidade ali pareciam longínquos e os motores dos automóveis haviam ficado reduzidos a um suspiro abafado, como ondas numa praia distante. Olhou para as sombras e começou a cantarolar entredentes, para enxotar o silêncio. A melodia que lhe veio à cabeça não era das que havia entoado em palco, mas uma oriunda do passado; uma canção de embalar que a sua avó lhe costumava cantar quando era pequena. A letra já estava quase esquecida, mas a melodia acariciou-a como tranquilizadores dedos familiares, e já não se sentiu tão só.



Quando acordou, a luz atravessava as finas cortinas e o pedaço de céu visível pela estreita abertura entre elas era da cor pálida da manhã. Tentou mudar de posição e sentiu de imediato uma agonizante dor no tornozelo, como se alguém tivesse esperado que ela se movesse para o atingir com um martelo. Imobilizou-se, esperando que as intensas dores passassem.

Escutou ruídos do outro lado da parede; vozes indistintas na rádio que subiam e desciam de volume, depois música e o som de passos apressados pelas escadas. Sentou-se, cerrando os maxilares ao colocar o pé no chão. Chegada à gélida casa de banho sentou-se na sanita e despiu os collants rasgados para examinar o tornozelo. Estava irreconhecível: inchado e roxo por cima do pé sujo com lama.

A casa de banho não exibia qualquer comodidade moderna como um duche, apenas uma banheira alta de ferro fundido, com manchas de ferrugem por baixo das torneiras, e um lavatório a um canto. Por cima deste encontrava-se um pequeno armário com espelho, que ela abriu na esperança de encontrar alguma coisa que a ajudasse. No interior, as prateleiras estavam carregadas de embalagens e frascos que não destoariam num museu, os rótulos desbotados anunciando misteriosos medicamentos de outra época: leite de magnésia, caulinita, xarope para a tosse. Entre eles, na prateleira de baixo, estava um batom numa embalagem dourada.

Pegou-lhe e segurou-a por instantes antes de puxar a tampa e girar a base. Era vermelho. Um escarlate intenso e vibrante, da cor das papoilas e dos marcos do correio e do encanto das estrelas de cinema de outros tempos. Na parte

superior o uso havia criado uma marca, onde se moldara ao formato dos lábios da sua utilizadora. Tentou imaginá-la, não interessava quem fosse, ali, naquela casa de banho com os azulejos pretos e brancos e as paredes cobertas de bolor; uma mulher de certa idade a aplicar aquela cor tão ousada para ir fazer compras ou para passar a tarde no bingo, e foi invadida por uma enorme admiração e curiosidade.

Na prateleira superior havia uma ligadura amarelada que levou consigo para a cozinha, juntamente com uma caixa de aspirinas efervescentes. Tirou uma caneca, encheu-a com água e atirou dois comprimidos lá para dentro. Enquanto esperava que se dissolvessem olhou em redor. Sob a luz turva da manhã, o lugar tinha um aspeto desolado mas havia alguma coisa comovedoramente acolhedora na fileira de latas sobre a prateleira que diziam «CHÁ», «ARROZ», «AÇÚCAR», na arranhada tábua de cortar encostada à parede e nas chamuscadas luvas para o forno penduradas num gancho ao lado do fogão. A caneca que segurava era verde e um pouco brilhante, iridescente, como os delicados arcos-íris que se formavam nas oleosas poças de água. Nunca tinha visto algo parecido e apreciou. Não podia ser mais diferente das canecas baratas e manchadas que havia no apartamento em Elephant & Castle.

Bebeu as aspirinas dissolvidas em dois tragos acompanhados por caretas, a garganta ameaçando fechar-se em protesto pelo sabor doce e salgado, e depois levou a ligadura para a sala da frente, onde se dedicou a ligar o tornozelo. A meio da tarefa escutou assobiar na rua e parou o que estava a fazer, com o coração a bater acelerado. Passos aproximaram-se. Largando a ligadura, pôs-se de pé e esperou, nervosa, pelas pancadas na porta ou, pior, por uma chave na fechadura...

A aba da caixa do correio abriu com um relutante rangido. Um envelope de cor creme aterrou sobre o monte de publicidade e anúncios de entrega de comida ao domicílio.

*Sra. S. Thorne  
4 Greenfields Lane  
Church End  
Londres  
Reino Unido*



Estava escrito com tinta preta. Era tinta permanente, não de esferográfica. A caligrafia era vigorosa e elegante, mas claramente trémula, como se a pessoa que a desenhara fosse idosa, estivesse doente ou com pressa. O papel era branco-amarelado, um pouco estriado, como osso ou marfim.

Virou o envelope. As maiúsculas pontiagudas a tinta negra chamaram a sua atenção.

*PESSOAL e URGENTE. Se necessário e possível, POR FAVOR DEVOLVER AO REMETENTE.*

Colocou-o sobre a pedra da lareira, encostado a uma jarra lascada que dizia «Recordação de Margate». Em comparação com o mobiliário desgastado, o envelope tinha um aspeto limpo, novo e opulento.

Lá fora o mundo prosseguia com o seu dia de trabalho, mas na pequena casa o tempo vacilava e as horas arrastavam-se. A euforia inicial de ter conseguido escapar ao Dodge estava rapidamente a ser desgastada pela fome e pelo frio intenso. Num armário da cozinha descobriu algumas provisões, entre as quais se encontrava um pacote de bolos de figo. Passavam quase dois anos do fim do prazo de validade, mas devorou metade e obrigou-se a guardar o resto para mais tarde. Não parava de pensar para onde deveria ir quando saísse dali, o que fazer em seguida, mas os seus pensamentos pareciam viajar em círculos inúteis, à semelhança de uma mosca varejeira sonolenta a bater insensatamente contra uma janela fechada.

Voltou a adormecer, profundamente, despertando apenas quando o curto dia de fevereiro começava a chegar ao fim e as sombras aos cantos da sala envolviam as teias de aranha. O envelope sobre a pedra da lareira parecia ter absorvido toda a luz que restava e brilhava, pálido como a Lua.

A Sra. S. Thorne devia ter sido a mulher que vivera ali, mas o que precisava ela de saber que era «Pessoal e Urgente»? Com algum esforço levantou-se do sofá e recolheu a pilha de correio que se amontoava à entrada. Embrulhando-se no cobertor, começou a esmiuçá-la, à procura de pistas. Talvez existisse ali alguma coisa que lhe dissesse para onde tinha ido aquela misteriosa Sra. Thorne.

A maioria era publicidade, ofertas de entregas gratuitas de comida ou ofertas de substituições de janelas. Esforçou-se por não olhar para os menus de comida ao domicílio, com as fotos coloridas e as pizzas tão grandes quanto rodas de bicicleta. Por entre o junk mail encontrou o boletim informativo da All Saints Church com «Menina Price» escrito na parte superior, e vários outros catálogos que vendiam «roupas de malha clássicas» e camisas de dormir térmicas, também dirigidos à menina N. Price.

Nenhuma menção à Sra. Thorne.

Atirou o boletim paroquial para a pilha do junk mail e esticou a dorida coluna vertebral. A ociosa curiosidade que a impelira a dar início àquela busca perdeu intensidade quando não obteve uma resposta instantânea e as fotografias das pizzas a deixaram irritada e nervosa. Uma vez que não devia sequer estar ali, não era responsabilidade sua assegurar-se de que a carta chegava ao seu destino e, além disso, já tinha problemas suficientes. Não precisava de arcar com os de outra pessoa.

Mas, ainda assim...

Levantou-se, foi até à lareira e pegou então na carta. «Pessoal e Urgente»: o que queria aquilo dizer? Nada, seguramente. Sabia, por causa da avó, que as pessoas mais velhas faziam um alarido por tudo e por nada.

O papel era tão grosso que quase parecia veludo. Com a pouca luz era difícil perceber o carimbo do correio, mas arriscou aproximar-se da janela para deitar um olhar ao selo. Raios partam... Estados Unidos. Virou-o e leu novamente a mensagem escrita por trás, passando os dedos sobre o sublinhado onde a tinta se tinha esborratado um pouco. Inclinando-o para a luz que desaparecia rapidamente, conseguiu ver a marca no papel onde a caneta havia feito o traço, imprimindo esperança na página.

Pessoal e Urgente.

*Se possível...*

E, antes de se dar conta do que estava a fazer, antes de ter a oportunidade de pensar nas razões por que não devia fazê-lo, já estava a abrir o envelope e a retirar uma única folha de papel do interior.

*The Beach House*  
*Back Creek Road*  
*Kennebunk, ME*  
*22 de janeiro de 2011*

*Minha querida,*

*Já passaram mais de 70 anos e continuo a pensar em ti desta maneira. Minha querida. Minha menina. Tanta coisa mudou neste tempo e o mundo é um lugar diferente daquele em que nos conhecemos, mas de cada vez que penso em ti volto a ter 22 anos.*

*Tenho pensado muito em ti nestes dias. Não me tenho sentido bem e os medicamentos que os médicos me dão deixam-me bastante cansado. Talvez seja normal aos 90 anos. Alguns dias parece-me que mal acordo e, aqui deitado, meio sonolento, as memórias que me assaltam são tão vívidas que quase as confundo com a realidade e estou de volta a Inglaterra, com a Esquadrilha 382 e contigo.*

*Prometi amar-te para sempre numa época em que não sabia se viveria mais uma semana. Agora quer-me parecer que o «para sempre» está a chegar ao fim. Nunca deixei de te amar. Tentei, a bem da minha sanidade mental, mas nunca consegui e também nunca deixei de ter esperança. Os médicos dizem que não me resta muito tempo, mas conservei essa esperança, assim como a sensação de que ainda não terminei o que tinha para fazer aqui. Não até saber notícias tuas. Não até que te diga que aquilo que começámos naqueles dias de loucura total, quando o mundo estava de cabeça para baixo, nunca terminou para mim, e que esses tempos — embora duros e aterradores — foram também os melhores da minha vida.*

*Não sei onde estás. Não sei se a casa de Greenfields Lane ainda te pertence e se esta carta irá chegar-te às mãos. Diabo, não sei sequer se ainda estás viva, mas albergo esta descabida convicção de que saberia caso já não estivesses neste mundo. Senti-lo-ia e estaria pronto para o abandonar também. Não temo a morte — a minha velha adversária dos tempos de aviador. Derrotei-a então, por isso não me importo de a deixar ganhar desta vez, mas iria render-me com mais graciosidade se soubesse que estás viva. E se, desta vez, pudesse despedir-me de ti como deve ser.*

*Suponho que em breve nada disto importará e a nossa história fará apenas parte do passado. Mas ainda não renunciei à esperança. Nem a desejar poder recuar no tempo e fazer tudo de novo, mas desta vez assegurando-me de que não te deixo ir embora.*

*Se receberes esta carta, por favor responde.*

*Com todo o meu amor,*

*Dan*

Oh!...

Ohhhh...

Voltou a dobrar a carta ao meio e meteu-a à pressa no envelope. Não devia tê-la aberto; nunca lhe teria sequer tocado se soubesse que era tão... *séria*. De vida ou de morte. Pessoal e urgente.

Mas já era demasiado tarde. Já abrira o envelope e não podia voltar a colar a borda. A súplica enviada do outro lado do mundo, por um homem à beira da morte, havia sido escutada, embora inadvertidamente, por ela e por mais ninguém. Assim, restavam-lhe duas opções: ignorá-la ou tentar encontrar a Sra. S. Thorne. Quem quer que ela fosse.

## 2

*LONDRES, AGOSTO DE 1942*

**N**inguém esperava sumptuosidade num casamento em tempo de guerra, contudo o trabalho das senhoras da paróquia deixara o reverendo orgulhoso.

O austero interior de tijolo da St. Crispin estava engalanado com dalias, flores de flox e crisântemos procedentes de estafados jardins de agosto, e do outro lado do caminho, na sacristia, haviam disposto com esmero e em redor do bolo, só com um andar, um sortido de sanduíches de pasta de arenque e de salmão e os inevitáveis scones da Marjorie Walsh. King's Oak era um pequeno subúrbio do Norte de Londres, formado em grande parte por casas vitorianas com pequenos pátios traseiros e pares de casas geminadas construídas depois da última guerra. Não era uma paróquia rica, mas não se podia dizer que não era generosa. Tinham trocado cupões e acumulado rações e o banquete resultante era uma homenagem ao engenho dos paroquianos de St. Crispin e à alta estima em que tinham o seu vigário.

Ele presidia à cerimónia não virado para eles, como costumava fazer, mas de cabeça baixa numa conversa privada com Deus. Havia alguma coisa de vulnerável, cogitou a Ada Broughton do seu costumeiro lugar na terceira fila, no tom rosado do pescoço por cima do colarinho, e alguma coisa impressionante



naquela comunhão solitária com o Senhor. O pastor não era um homem particularmente jovem — a diferença de idades entre ele e a sua noiva havia sido bastante comentada durante as reuniões da Mothers' Union<sup>1</sup> e do Comité de Material Hospitalar —, mas o seu ar estudioso e subalimentado dava a impressão de juventude e despertava nas suas paroquianas (pelo menos nos tempos anteriores ao racionamento) o impulso de cozinhare[m] para ele.

Era considerado por todos um solteirão empedernido e o seu noivado com a jovem Stella Holland havia sido uma surpresa. Na verdade, ao mesmo tempo que a Marjorie Walsh fazia soar uma nota estridente no órgão da igreja anunciando a chegada da noiva, Ada viu-o levantar a cabeça e arregalar os olhos como se, também ele, tivesse sido apanhado desprevenido por aquele acontecimento. A sua expressão, ao olhar para o padrinho em pé ao seu lado, foi quase de pânico, pobre criatura.

Ah, mas a noiva por seu lado era uma beldade. Olhando por cima do ombro, Ada sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e o peito inchar por baixo do seu melhor vestido de antes da guerra. Magra como um caniço, com os estreitos ombros muito direitos e o rosto pálido por baixo do véu, a pequena Stella assemelhava-se mais a uma princesa do que a uma rapariga criada num orfanato. O vestido de noiva era outro esforço coletivo, doado pela Dot Wilkins (que o usara em 1919 quando o seu Arthur recuperara suficientemente do gás de mostarda para balbuciar um rouco «Aceito») e modificado pelo Círculo Feminino de Costura. Havia[m] deixado de fazer ligaduras durante um mês enquanto atualizavam o estilo e alteravam todas as costuras, de modo a adaptá-las à diminuta figura da Stella, que naquele momento parecia ainda mais pequena pela imponente ossatura de Phyllis Birch vestida de *tweed* e que caminhava ao lado dela, em substituição do pai. Todavia, era a Stella quem atraía todas as atenções. Nenhuma delas se atrevera a acreditar que o velho e antiquado vestido de renda pudesse ser transformado naquela imagem de pura formosura. Ada limpou uma lágrima e permitiu-se um momento de orgulho maternal. Na ausência da mãe da jovem, decidiu que esse sentimento não era exagerado.

A sua expressão azedou um pouco ao pousar os olhos na Nancy Price, que seguia atrás da noiva. Envergava um vestido de cetim azul, que ficara

<sup>1</sup> Instituição de caridade cristã, fundada em 1876 em Inglaterra. [N. T.]

deslumbrante na filha da Ethel Collins quando fora dama de honor no verão de 1939, mas na Nancy nem por isso. A cor casava bem com o cabelo pintado de loiro, porém ela exibia o recatado vestido com a atitude de quem achava graça àquilo, como se as mangas de balão e o modesto decote de princesa fossem, de alguma forma, ridículos. Mesmo numa coisa tão simples como caminhar até ao altar, a Nancy conseguia parecer ligeiramente desrespeitadora. As duas raparigas eram diferentes como a água do vinho — e ninguém compreendia como podiam ser tão amigas, embora, quiçá, não ter família e ser criado num sítio daqueles fizesse uma pessoa agarrar-se ao primeiro conforto que encontrasse. Ada confiava em que, agora que a Stella ia transformar-se na senhora Charles Thorne, e esposa de um vigário, deixasse para trás aquela desajustada amizade.

A Marjorie acelerou o andamento da marcha nupcial à medida que a noiva se aproximava do noivo que a esperava. Feixes de luz do sol, repletos de partículas de pó, quais confetes celestiais, derramavam-se sobre as suas cabeças baixas. Ada pôs de lado todos os pensamentos e acomodou-se para apreciar os votos matrimoniais.



O nome de batismo do Charles era na realidade Maurice, e, até ter ouvido o vigário pronunciá-lo, a Stella não fazia a menor ideia. Maurice Charles Thorne. Era tão estranho e engraçado que não tivesse conseguido concentrar-se noutra coisa enquanto repetia os votos, e depois não guardasse lembrança de ter prometido amar e honrar e obedecer. Supunha que o devia ter feito, porque tinha uma aliança de ouro reluzente no dedo — uma aliança fina era tudo o que podiam permitir-se — e havia pessoas a beijá-la no rosto e a darem palmadas nas costas do Charles, a felicitá-los por serem marido e mulher.

*Esposa.* Já no exterior da igreja, de braço dado ao Charles enquanto o Fred Collins ajustava a sua máquina fotográfica, acarinhou a palavra no seu interior e sentiu alguma coisa expandir-se e brilhar dentro do seu peito, como uma brasa incandescente. Ser esposa significava segurança e uma casa como devia ser, com as suas próprias coisas, não um espaço num dormitório rodeada pela tosse e os murmúrios de outras 20 raparigas. Pensou nos presentes de casamento em exibição sobre a mesa da sala de jantar do vicariato — um serviço de chá de porcelana, decorado com rosas, oferecido por uma tia do Charles, uma

jarra de cristal, oferta da menina Birch, e uma toalha de mesa bordada pelas raparigas da Woodhill School — e o seu sorriso alargou-se no preciso instante em que a lâmpada do *flash* explodiu.

O salão da igreja estava deslumbrante. Os cantos com manchas de humidade haviam sido tapados com bandeiras do Reino Unido, armazenadas desde o armistício, que emprestavam ao interior verde e monótono uma atmosfera festiva. Uma faixa, pintada num lençol já gasto, pendia sobre a mesa do bufete, exibindo as palavras «O FELIZ CASAL».

E que amáveis tinham sido todos. Até os pais do Charles, manifestamente elegantes e exibindo sorrisos pouco convincentes, haviam beijado o ar de cada lado das suas bochechas e declarado o quanto estavam encantados. Não era segredo para ninguém que preferiam que o seu filho tivesse casado com uma rapariga do clube de ténis de Dorking, que podia ser a quarta jogadora das tardes de bridge organizadas pela Lillian e conversar com os seus amigos com o sotaque adequado, mas ainda assim a Stella estava-lhes grata por terem mantido as aparências.

— Que vestido tão bonito! — exclamou a Lillian Thorne, dando um passo atrás para admirar a Stella dos pés à cabeça. — Foi feito por ti? Tem um ar deveras profissional.

— Pertencia a uma das senhoras da paróquia. O círculo de costura modificou-o de propósito para mim.

— Palavra? Oh, credo, devias ter dito e eu tinha-te emprestado o meu! Era um *Hartnell*: custou uma pequena fortuna e agora está metido numa arca, no sótão. Se soubesse que precisavas de um vestido de noiva tinha ido desenterrá-lo.

A oferta era muito amável, porém, uma vez que chegava com três meses de atraso, a Stella não sabia muito bem o que dizer. Impassível, a Lillian continuou a falar num tom despreocupado.

— E o ramo também é deslumbrante, embora pareça sequioso.

A Stella olhou para as rosas que murchavam na sua mão. A Lillian tinha razão. Eram rosas-chá doadas com grande orgulho e cerimónia pelo Alf Broughton, cortadas do único roseiral que tinha no diminuto jardim onde se recusara a plantar couves e batatas, mas ameaçavam desmoronar-se. A Stella lembrou-se das rosas no jardim da Lillian, em Dorking, que eram tão rijas e imaculadas quanto ela, e deu-se conta de que o elogio tinha tantos espinhos como os seus caules.

— E não é o único — murmurou o Roger Thorne, lançando um olhar irritado para o outro lado da sala onde o Alf repartia alegremente garrafas de cerveja e copos de limonada atrás de um bar improvisado, junto à janela da cozinha. O Sr. Thorne havia conseguido arranjar uma caixa de champanhe, mas encontrava-se ainda debaixo da mesa de cavalete. Os habitantes de King's Oak não eram muito dados a essas coisas mais elegantes e o Alf — um homem provinciano — não estava preparado para a proeza de engenharia que representava abrir uma garrafa daquelas.

A Stella deu um gole na sua limonada, consciente dos perigos que se ocultavam, como minas no fundo do Atlântico, sob a superfície da conversa. «Não és tu, sou eu», dissera o Charles secamente, olhando pela janela do comboio quando regressavam a casa após a sua primeira visita a Dorking. Nunca o tinham compreendido, explicou. A sua vocação deixara-os desconcertados e irritados por não ter seguido o caminho que haviam preparado para ele na empresa de contabilidade do Roger. A Stella pressentira uma profunda mágoa e sofrera por ele. As dinâmicas familiares eram para ela um mistério, mas assim que estivessem casados formariam a sua própria família e o Charles, no centro dela, veria as suas feridas curadas graças à compreensão de Stella e às enormes reservas de amor que albergava no seu interior, esperando apenas um destinatário.

— Onde está o Charles? — perguntou a Lillian com irritação, como se conseguisse ler-lhe o pensamento. — Ainda mal consegui trocar uma palavra com ele.

*Já somos duas*, cogitou a Stella, seguindo o olhar da Lillian, que perscrutava a sala. Enchera-se de gente, com membros da paróquia de St. Crispin que não se haviam dado ao trabalho de comparecer ao serviço religioso, aparecendo apenas para comer de borla. A Stella não conhecia quase ninguém, mas sentiu uma pontada de afeto e de alívio ao ver a Nancy, com um vestido de cetim azul que não lhe ficava nada bem, fumando um cigarro como uma aspirante a atriz fotografada para a revista *Picture Post* enquanto relaxava nos bastidores antes de rodar outra cena. Não havia nem sinal do Charles ali dentro, contudo um movimento no jardim chamou a sua atenção.

— Está lá fora, a conversar com o Peter.

O Peter Underwood era o padrinho de casamento do Charles. Amigo dos tempos da escola de teologia, era por aqueles tempos o vigário de uma pequena

paróquia de Dorset. Era a primeira vez que a Stella o via, embora o Charles falasse bastante dele. Pelo tom desses comentários, a Stella havia esperado uma pessoa mais carismática do que aquele jovem franzino, com uma cor doentia, atitude cínica e olhos de mocho por trás das lentes dos óculos.

— Mas não devia — contrapôs a Lillian. — Devia estar aqui a falar com os convidados e com a esposa.

Ao menos, quanto a isso estavam de acordo.

— Vou lá chamá-lo — disse o Roger, com um ar aliviado. — O bufete já quase desapareceu. Deve estar na hora de fazer os discursos, não?



A menina Birch foi a primeira pessoa a subir os frágeis degraus até ao pequeno estrado. Ao mesmo tempo que pigarreava com uma expressividade que pedia silêncio, a Stella teve uma sensação tão intensa de *déjà-vu* que ficou surpreendida quando olhou para baixo e viu a renda branca do vestido da Sra. Wilkins e não a bata verde-escura da escola.

— É para mim um prazer e um privilégio comparecer diante de vós nesta ocasião tão feliz e dizer umas palavras em nome da nova senhora Thorne — enunciou a menina Birch com o mesmo tom de voz que usava nas reuniões da escola, e os aplausos irromperam pelo salão. — A Stella é um dos grandes sucessos da Woodhill School e não hesitei nem um segundo em propô-la para o lugar no vicariato quando o reverendo Thorne precisou de uma governanta. Mal eu sabia que estava não só a ajudá-lo a suprir uma necessidade doméstica — (e aqui as suas feições severas adquiriram uma pouco típica expressão brincalhona) —, como também a fazer de Cupido. À medida que os meses foram passando, não foi apenas a lareira do vicariato que aqueceu, como também o coração do seu residente!

As cabeças viraram-se na direção da Stella e um coletivo «ahh!...» ecoou por entre a multidão, como se estivessem a assistir a um espetáculo de fogo de artifício. Stella enrubesceu.

— As qualidades que a transformaram num membro tão valioso de Woodhill, a sua bondade e dedicação, a visão otimista da vida, a fidelidade e a lealdade também farão dela uma excelente esposa — prosseguiu a menina Birch. A Stella desejou ainda ter o véu na cabeça para poder esconder-se por trás dele. Ou

o Charles, mas este encontrava-se com o Peter Underwood ao lado do palanque. De súbito, olhou para a Nancy, que revirou os olhos e fez uma careta, e sentiu-se muito melhor.

— Desejo ao reverendo e à senhora Thorne toda a felicidade do mundo na sua vida em conjunto. Que seja longa e plena, imperturbada por esta maldita guerra e abençoada com filhos. — Em jeito de conclusão, a menina Birch pediu, no tom grandiloquente que usava para, na igreja, anunciar o hino que se seguia: — Por favor, juntem-se a mim neste brinde ao feliz casal. Aos noivos!

O champanhe do Sr. Thorne continuava guardado na caixa por baixo da mesa, por isso o brinde foi realizado com cerveja e limonada ou, no caso dos pais do noivo e do Dr. Walsh, com nada. O Charles subiu os degraus para ocupar o lugar deixado vago pela menina Birch.

A Stella adorava ouvi-lo falar. Durante os meses de noivado, aos domingos de manhã, sentara-se num banco lateral de St. Crispin enquanto ele fazia o sermão e havia vibrado secretamente de emoção. Nessas ocasiões havia alguma coisa de remoto e de romântico nele, diante do altar na cavernosa igreja ou a ler a enorme Bíblia no púlpito. Todavia, isso não era visível ali no salão. A solenidade e a paixão com que pregava haviam-no abandonado por entre as cortinas faustosas e, enquanto balbuciava palavras de agradecimento à menina Birch e em seguida lhe roubava o mérito de os ter aproximado, atribuiu todos os créditos a Deus.

— Muitas vezes O questionei sobre os Seus propósitos. Uma jovem e bela esposa não era uma coisa que estivesse à espera de encontrar no meu ministério aqui em St. Crispin, mas não é invulgar Deus colocar-me coisas à frente do nariz nas quais só reparo muito mais tarde. — Mostrou o seu sorriso tímido e pueril e as senhoras da congregação suspiraram. — Assim, restava apenas a tarefa de convencer a Stella!

Todos riram complacentemente, mas a Stella sentiu o rosto rígido ao tentar sorrir. O hesitante progresso do seu desastrado namoro era a última coisa que ela desejava recordar naquele dia, quando podiam por fim começar a vida como devia ser enquanto marido e mulher.

Lá bem no fundo, a Stella não tinha a certeza de acreditar em Deus, mas tinha sentido a Sua presença, como um reprovador pau de cabeleira, sempre que ela e o Charles estavam sozinhos desde o noivado. O Charles beijara-a pela primeira vez na noite em que a pedira em casamento, mas havia sido um beijo

apressado e seco, que transmitia mais uma sensação de alívio do que de desejo, e estava muito longe dos beijos demorados e apaixonados que ela e a Nancy viam nas matinés de sábado (tanto na tela quanto nas últimas filas da sala). A Stella sempre saía do cinema com uma sensação de ânsia inquieta e reprimida por todo o amor que desejava dar. Agora que não existia nenhum pecado extraconjugal para policiar, esperava que Deus os deixasse em paz.

No palco, o Charles agradeceu de forma seca à dama de honor e a Nancy presenteou-o com uma pequena vénia simulada, que ele fez de conta não ver. Chegou então a vez de Peter Underwood subir ao estrado.

Estava quente no interior do salão. Os homens haviam despido os casacos e enrolado as mangas das camisas e as crianças brincavam no jardim. Todos começavam a impacientar-se. Na cozinha, as senhoras que lavavam a loiça tinham-se esquecido de que deviam falar baixo e, à medida que o discurso do padrinho se estendia dos cinco aos dez minutos, a maioria das pessoas desviou a atenção do seu tom de voz indolente e sardónico e dirigiu-a para uma conversa bem mais interessante que chegava da cozinha, sobre a irmã da Ethel Collins, cuja casa em Enfield tinha sido bombardeada e que fora viver com o filho e a nora em Bromley.

— E foi no verão de 1931 que o Charles e eu embarcámos na nossa memorável expedição de pesca ao Norte de Gales. Tal como Jesus, nosso Senhor, se viu nas margens do Jordão com apenas cinco pães e uns quantos peixes, também o Charles e eu demos por nós presos no meio do lago Bala, com apenas uma sanduíche de queijo para os dois.

A atenção da Stella vagueou da paisagem do Norte de Gales para a cozinha, onde a voz da Ethel Collins subia de volume por cima do silvar da chaleira.

— Têm uma casa de banho dentro de casa, mas a Joan não pode usá-la. Entregou o seu cartão de racionamento mas quase não há comida e ela trocou os cupões por um vestido novo...

Sentindo-se culpada, a Stella voltou a sua atenção para o Peter Underwood. O Charles enérgico e amante da vida ao ar livre que emergia daquele discurso não se parecia quase nada com o homem que ela conhecia. Ou não conhecia. Talvez aprendesse alguma coisa se escutasse.

Quando o Peter virou finalmente a última página da pilha de folhas que tinha na mão, escutaram-se aplausos aliviados e depois a menina Birch anunciou que estava na hora de os noivos cortarem o bolo. O Fred Collins foi

arrastado do jardim, obrigado a largar a cerveja e a pegar na máquina fotográfica. A Stella viu-se por baixo da faixa e ao lado do Charles, sorrindo uma vez mais para a câmara. Nas fotografias haveria de parecer que eles tinham passado o dia ao lado um do outro, embora a realidade tivesse sido bem diferente. A mão do Charles cobriu a dela enquanto segurava a faca e a Stella sentiu o peito contrair-se. Ele tinha umas mãos tão bonitas... com os dedos compridos e elegantes. Pensou em como, mais tarde, no hotel em Brighton, aqueles dedos iriam desapertar a sua camisa de noite e deslizar pela sua pele...

— Temos de repetir a foto — disse o Fred Collins com uma gargalhada ruidosa. — Tinha os olhos fechados, senhora Thorne!



O vicariato situava-se numa sólida casa vitoriana que possuía um odor permanente a vegetais cozidos, *tweed* húmido e masculinidade, que a Stella esperava conseguir alterar quando residisse nela como esposa e não enquanto governanta. Transportando a sua mala de cartão, subiu as escadas para o andar de cima, seguida pela Nancy, que metia a cabeça em todas as divisões que via.

— É enorme, não é? Imagina só teres estas divisões todas só para ti!...

— A casa pertence à igreja, não ao Charles, mas entendo o que queres dizer. Sou uma felizarda.

— Eu não iria tão longe — murmurou a Nancy, ao mesmo tempo que seguia a amiga para o quarto que, a partir daquele dia, seria o da Stella. A cama alta de madeira estava coberta por uma colcha cor de mostarda e havia uma cruz de madeira com a figura talhada de um Cristo pendurada sobre a cabeceira, na parede pintada de verde. Tudo no vicariato parecia pintado de verde; o mesmo tom do salão paroquial e do pavilhão de jogos, agora que pensava nisso. — Seja como for, não é uma questão de sorte — prosseguiu a Nancy. — Mereces tudo isto e muito mais. Ele é que é o sortudo por ter casado com uma rapariga maravilhosa como tu.

— A família dele não pensa o mesmo. Para eles serei sempre a rapariga do orfanato.

— O que só prova que são uns ignorantes. — A brusquidão, no caso da Nancy, era um sinal de sinceridade. A cama rangeu quando se deixou cair nela, subindo o vestido azul de dama de honor que pertencia à Betty Collins para



revelar um maço de cigarros entalado no elástico da meia. — És muito melhor do que todos eles. Filha de um duque, é o que tu és.

Sentada no banco diante da atarracada cómoda que servia de mesinha de toucador, a Stella sorriu. Tudo o que sabia da mulher que a abandonara era que trabalhava como criada numa casa senhorial em Belgravia. A identidade do pai era um mistério, porém a teoria da Nancy era que se tratava de alguém do «piso superior», o que explicava aquilo a que ela chamava os «modos refinados» da Stella.

— Bem, agora pouco importa de quem sou filha, não é? — disse num tom suave, começando a tirar os ganchos que lhe seguravam o véu. — Sou a esposa do Charles. É tudo o que me importa.

— Se o dizes.

— Sim. Bem sei que achas que é uma tolice, mas foi sempre o que desejei: uma casa para cuidar e um marido para amar. Um serviço de chá com rosas. Sabes isso.

Olhando pela janela, a Nancy soprou uma nuvem de fumo. Fez-se uma demorada pausa, durante a qual se escutou apenas o deslizar da escova pelo cabelo da Stella e os sons distantes das crianças a brincar na rua.

— Vou ter saudades tuas — confessou a Nancy, de súbito melancólica.

— Oh, Nance... Só estarei quatro dias em Brighton.

— Não me referia a isso e bem sabes. As coisas vão mudar. Agora que és a esposa do vigário não poderás sair para dançar e comer batatas fritas no autocarro. Terás de lhe preparar o lanche e estar presente para distribuir bolachinhas depois das reuniões para oração.

— Não será assim tão mau. Continuaremos a ver-nos. — A Stella supôs que a Nancy teria razão relativamente à parte da dança, mas não tinha certeza se iria sentir assim tanta falta desses dias. Parecia-lhe um pequeno sacrifício, em troca de tudo o que iria ganhar. — Ajudas-me a despir o vestido? Podemos continuar a ir ao cinema aos sábados, ou ver as montras, e podes vir visitar-me sempre que te apetecer.

Levantando-se da cama, a Nancy deixou escapar uma gargalhada desprovida de alegria.

— Não creio que o Charles fosse apreciar.

— Pois terá de se habituar. Nós somos como irmãos e ele sabe disso. És o mais parecido que tenho com uma família.

— Com exceção da menina Birch. Aposto que agora se considera da família. Dá para acreditar no que ela disse hoje? — Com o cigarro equilibrado ao canto da boca, a Nancy fez um esgar e imitou a voz da menina Birch: — *A Stella é um dos maiores êxitos da Woodhill School...*

Seguiu-se uma torrente de imitações da menina Birch acompanhada de risadinhas, enquanto a Stella se vestia com o traje azul-esmalte que a Ada Broughton desviara das doações para os refugiados e a Nancy lhe penteava o cabelo, prendendo-lhe os caracóis num dos estilos que havia aprendido no salão onde trabalhava e que garantira a Stella ser o último grito da sofisticação. Quando terminou colocou-lhe um pequeno chapéu da mesma cor, inclinando-o num ângulo atrevido.

A Stella olhou constrangidamente para o resultado, virando a cabeça para um lado e para o outro.

— Pareço tão... adulta.

— Estás deslumbrante. Vais deixá-lo louco. Por falar nisso... — A Nancy virou-se e pegou na sua mala que deixara sobre a cama. Do seu interior retirou um pequeno embrulho. — Um presente de casamento. Ou, melhor, um presente de lua de mel.

Observou enquanto a Stella o abria e, rindo, segurava o diminuto e escorregadio pedaço de cetim cor-de-rosa.

— Nance, é tão bonito! O que é?

— É para usares na cama, tonta. Na tua noite de núpcias.

A Stella corou e deu conta de um ligeiro formigueiro na boca do estômago.

— Não posso! É mínimo... Vou morrer congelada!

— Não sejas tola! Vais estar a arder de paixão. O Charles nem saberá o que fazer ou por onde começar.



Os convidados abandonaram o salão para se despedir dos noivos. O Fred Collins pediu que se colocassem ao lado da porta aberta do táxi para uma última fotografia, o Charles a abraçar a Stella com um braço rígido e a expressão tensa de quem sabia que o taxímetro estava a contar. E depois mais beijos à Nancy, à Ada e à Ethel, e até, acanhadamente, ao Roger e à Lillian. Preparava-se para entrar no táxi, empurrada pelo Charles, quando a Nancy gritou:

— O ramo!

— Ah!...

Viu onde se encontrava a amiga e virou as costas ao amontoado de convidados. No entanto, ao atirar o ramo para trás, os espinhos das rosas prenderam-se numa das luvas e a trajetória foi alterada, de maneira que voou por cima da sua cabeça numa chuva de pétalas e acabou por ir parar às mãos do Peter Underwood.

Enquanto o táxi se afastava, a Stella virou-se para olhar pela janela traseira. Toda a gente acenava freneticamente, com exceção do Peter, que estava imóvel a segurar o ramo.

— Devia ter sido a Nancy a apanhá-lo — murmurou a Stella, desapontada.

— O Peter sempre foi muito bom a defender no *cricket* — comentou o Charles com admiração.

O táxi virou a esquina no final da Church Road e toda a gente desapareceu. Recostando-se no banco traseiro, a Stella sentiu os olhos encherem-se de lágrimas. Olhando para o regaço reparou que a luva estava rasgada e a sua brancura manchada de sangue.

# 3

2011

**O**s dias curtos fundiam-se uns nos outros através de intermináveis extensões de noite.

A melhor maneira, a única maneira, de suportar a escuridão, o frio e a fome era dormindo. Na ausência de luz elétrica, televisão e refeições regulares, o seu relógio interno reajustou-se a um ritmo mais primitivo e fê-lo com uma assombrosa facilidade, como um animal a hibernar, de modo que grandes porções de tempo acabaram engolidas pelo esquecimento.

Quando estava acordada, o silêncio ressoava na sua cabeça e sentia a voz a murchar e a endurecer na garganta, como acontecia à Pequena Sereia. Com isso dava-se conta do quanto desejava — necessitava — cantar; de como, apesar do Dodge e dos seus sonhos amargos, cantar continuava a fazer parte de quem era. Quando andava pela casa sem fazer barulho era como se tivesse deixado de existir. Era como se fosse um fantasma.

O mundo encolheu-se até se reduzir àquelas paredes húmidas e à estreita faixa de rua visível através da abertura nas cortinas. Uma vez que a rua diante da casa não tinha saída, o trânsito era reduzido e ela familiarizou-se com os transeuntes habituais. A casa do lado pertencia a uma jovem com vinte e poucos anos com um trabalho ou um namorado que às vezes a faziam

passar algumas noites fora de casa. Via-a sair de casa de manhã cedo, os saltos dos sapatos a baterem apressados no caminho à frente da casa, o rabo de cavalo a agitar-se, e invejava a sua eficiência, a determinação, o seu aspeto asseado.

A casa na outra extremidade da rua era habitada por dois homens de meia-idade, que saíam juntos de manhã, envoltos em cachecóis de lã coloridos, e regressavam à noite separadamente, um deles carregando pesados sacos de um supermercado dispendioso. Não tinha ainda visto o residente da casa restante, mas presumia que se tratasse de uma pessoa idosa. Três vezes ao dia via um carro parar à porta, do qual saía uma mulher com um uniforme azul. Cuidadores, supunha. As visitas coincidiam com as horas das refeições e recordavam-na da fome que sentia.

As fracas provisões existentes no armário da cozinha estavam quase reduzidas a nada. Já comera os bolos de figo, assim como uma lata de arroz-doce, outra de pêssegos em calda e uma caixa de bolachas *Ritz* já estragadas. Tudo o que lhe restava era outra lata de pêssegos e um frasco de pasta de carne. Só de olhar para aquilo ficava doente; comê-la-ia apenas em caso de extrema necessidade.

A fome era pior do que a escuridão ou o frio, porque não só lhe afetava o corpo como também a mente. Quando não estava a dormir era-lhe cada vez mais difícil reunir energia para se levantar do sofá, onde se aninhava sob a manta e olhava sem expressão pela janela enquanto os seus pensamentos se sucediam sem conseguir fixar-se em nenhum. Durante meses — desde a noite em que o Dodge a magoara pela primeira vez de maneira a assustá-la — não pensara noutra coisa que não fosse afastar-se dele. Grande parte das vezes parecera-lhe uma aspiração inútil, mas agora que o tinha conseguido era como alguém que havia saído de um túnel escuro para a luz brilhante. Tinha escapado mas não sabia o que fazer em seguida.

No final foi a necessidade de comer que a forçou a agir. Durante os três dias (tinham sido três?... perdera-lhes a conta) que passara no sofá, a dor no tornozelo abrandara a ponto de conseguir colocar peso sobre ele e caminhar. Tinha o dinheiro no bolso do casaco... Mas também tinha o cabelo imundo, estava descalça e envergava o tipo de vestido que pode conduzir à hipotermia e ao tipo errado de suposições. Penosamente, reuniu toda a energia que lhe restava e aplicou-a na tarefa de ultrapassar esses obstáculos.



Começou pelo cabelo.

Havia uma tesoura na gaveta da cozinha; grande, com lâminas compridas e ferrugentas. De pé na casa de banho, inclinou a cabeça para baixo e, apanhando o cabelo num rabo de cavalo, tentou cortá-lo. As lâminas embotadas mastigaram o cabelo como um cão a roer um pedaço de carne dura, mas às tantas um monte de cabelo escuro e liso lá aterrou aos seus pés. Não havia champô, por isso colocou a cabeça por baixo da torneira e cerrou os dentes quando o couro cabeludo se contraiu ao sentir a água gelada.

Depois sentiu-se atordoada pelo frio, pela inversão da gravidade e pela falta de cabelo. Esfregou a cabeça vigorosamente com uma toalha áspera e depois mirou-se ao espelho para examinar os resultados do seu trabalho.

Oh, céus, assemelhava-se a uma órfã da era vitoriana, ou um membro do coro de *Les Misérables*. Os seus olhos e a boca pareciam subitamente demasiado grandes para o rosto, diminuto e encovado sob o novo penteado irregular. O nariz estava vermelho do frio. Mas sentia-se mais asseada. Mais leve. A tremer, abraçou-se e dirigiu-se para as escadas.

O rés do chão da pequena habitação tornara-se tão familiar que era como se estivesse na sua própria casa, mas até àquele momento algo a impedira de subir ao primeiro andar. Parecia-lhe uma intrusão, uma atitude desrespeitosa. A sua gargalhada ecoou pela estreita escada. Tinha arrombado a porta, roubado comida dos armários, aberto sobrescritos que não lhe estavam endereçados. Estava enterrada até ao pescoço em «intrusões».

Ao cimo das escadas havia um minúsculo patamar quadrado, com uma porta de cada lado. A da esquerda encontrava-se fechada, mas a outra estava meio aberta, deixando passar a luz e revelando um quarto no qual havia apenas espaço para uma cama de casal, uma cómoda e um guarda-vestidos antigo de madeira escura.

A cama exibia uma colcha de poliéster cor de salmão e, embora nada houvesse sobre a cómoda, se se examinasse de mais perto ainda se viam traços de pó de arroz entornado e os círculos peganhentos onde haviam estado os frascos de perfume.

Sentindo-se observada, aproximou-se do guarda-vestidos. A porta emperrou ligeiramente antes de abrir, fazendo com que os cabides emitissem um

murmúrio argentino. A maioria estava vazia, mas numa das extremidades havia peças penduradas; roupas de outra época, em que as mulheres se vestiam como senhoras, com fatos feitos à medida e com vestidos cheios de botões, e usavam sapatos altos e chapéus. Por entre a escuridão avistou o suave brilho da pele, o refulgir de dentes e um par de olhos vidrados. Perturbada, puxou o cabide mais perto de si, que sustinha um impermeável bege. Iria servir perfeitamente para tapar o vestido e fornecer algum calor, sem a fazer parecer a avozinha do Capuchinho Vermelho, ou o Lobo Mau.

No fundo do armário havia caixas de sapatos amontoadas em pilhas de duas ou três. As etiquetas mostravam desenhos do conteúdo. As de cima eram de calçado resistente e pouco atrativo, indicado para proteger joanetes e acomodar tornozelos inchados. Exatamente aquilo de que ela precisava naquele momento; porém o seu olhar desviou-se para a pilha inferior, onde as caixas eram mais antigas e frágeis, e mostravam desenhos amarelados de elegantes sapatos com biqueiras estreitas e saltos altos. Puxou uma das caixas.

Os sapatos no interior eram de couro preto e suave, cobertos por uma camada de bolor. Limpou-os com uma ponta da colcha e calçou-os. Os saltos não tinham sequer três centímetros, mas eram estreitos e ela balançou precariamente ao dar uns quantos passos experimentais. Ficavam-lhe um pouco grandes, mas, uma vez que a alternativa era ir descalça, teria de se desembaraçar.

Um ténue odor a perfume invadiu-lhe as narinas ao vestir o casaco. Chegava-lhe aos joelhos, apertando com enormes botões redondos e um cinto de tecido com fivela. Após alguma hesitação tirou a fivela e, desenterrando alguma imagem de um filme antigo a preto e branco, ou alguma coisa do género, resolveu atar o cinto com um nó.

Lá fora, a luz do dia já começava a desaparecer. Observou o seu reflexo no espelho da mesa do toucador e não viu nada que reconhecesse. O seu aspeto era elegante e sofisticado, próprio de uma mulher do mundo e não de uma rapariga dos piores bairros de Leeds. E logo depois baixou-se um pouco e viu o seu rosto, espectral na penumbra, o cabelo de órfã pobre, e todo o efeito desapareceu.

Com um esgar, endireitou-se e abandonou o quarto. Parou no cimo das escadas e olhou para a porta fechada. A escuridão crescente envolvia tudo num véu cinzento, desfocando contornos e provocando-lhe uma sensação de

inquietação. Girou a maçaneta para um lado e para o outro, mas a porta não se abriu. Estava trancada.

Retirou abruptamente a mão e recuou. Depois desceu apressadamente as escadas, ignorando a dor no tornozelo e a necessidade de não fazer barulho, desejando apenas sair daquela casa sombria com as suas portas trancadas, mistérios e segredos, e regressar ao mundo das luzes, das pessoas e da normalidade.



O Will Holt parou o automóvel diante de uma fila de garagens no final da rua e recostou-se no banco. Greenfields Lane. Finalmente! Depois da Plataforma 9¾ e da cidade perdida da Atlântida, aquele tinha de ser o sítio mais difícil de encontrar do mundo, sobretudo com o trânsito da hora de ponta.

Não que uma pessoa conseguisse perceber que era hora de ponta naquela rua, afastada que estava das estradas apinhadas de carros. Greenfields Lane podia não ser tão rural quanto o nome sugeria, mas segundo os padrões de Londres até havia bastante matagal — principalmente em redor da casa com o número 4. Segundo a gerência da St. Jude's Nursing Home, a Nancy Price deixara a sua casa há apenas dois anos, mas ao anoitecer, em fevereiro, o Will conseguia ver que a vegetação rasteira já quase a havia engolido.

Ainda assim, a casa era bonita — ou podia ser, se fosse bem mantida como as restantes. Fazia parte de um conjunto de quatro pequenas e simples casas de tijolo vermelho, mais antigas do que as vivendas em redor, provavelmente construídas para trabalhadores de algum tipo quando aquela zona de Londres não era mais do que uma aldeia, separada da cidade por campos onde as vacas pastavam. Perguntou-se como teria sido antes de as mansões vitorianas e eduardianas terem invadido a zona, de costas voltadas como convidados sem educação. Antes das garagens, e do duplo traço amarelo, e das filas de caixotes de lixo com rodas.

Contorceu-se desconfortavelmente e esticou-se até onde conseguiu naquele minúsculo carro. O seu *Triumph Spitfire* de 1975 era uma beleza, embora não pudesse dizer que fosse confortável, económico ou prático. Lá fora caíam uns chuviscos e, na hora e dez minutos desde que saíra de St. Jude, o imprevisível aquecedor havia finalmente chegado à temperatura certa, tornando a perspectiva de sair numa coisa muito pouco apetecível.



Mergulhando a mão no amarrotado pacote de M&M abandonado no banco do passageiro, sentiu uma pontada de culpa ao constatar que estava vazio. No rádio, os apitos anunciaram a hora certa. Ao menos, depois daquilo podia ir diretamente para casa; não existiam pistas novas e sem dúvida que nem sequer a Ansell, *o Idiota*, ocorreria alguma coisa que pudesse ser feita naquele dia a propósito do caso. E isso punha fim a mais uma quinta-feira.

*Céus*, pensou, esfregando os olhos cansados, *o que estou a fazer, a estragar a minha vida desta maneira? A engordar e a tornar-me numa pessoa azeda enquanto trabalho para o maior cretino de Londres, num emprego que está apenas a um passo de vender seguros de vida duvidosos ou de saquear campas?* «Um trabalho de rato Mickey», como o seu pai certa vez lhe chamara.

E no preciso instante em que pensara no pai, o locutor do programa de rádio anunciou que iriam conversar com «o prestigiado historiador e professor do St. John's College, em Oxford, o Dr. Fergus Holt, acerca da sua nova e épica série na televisão», fazendo com isso aparecer o seu rosto na mente do Will como se fosse o génio da lâmpada de Aladino.

Apressou-se a desligar o rádio. O dia já estava suficientemente mau sem ser obrigado a ouvir falar do sucesso do pai, assim como da sua notável escassez do mesmo. Alcançando a sua pasta de vendedor, que nem sequer era de couro verdadeiro, saiu do carro em direção ao fim de tarde frio e húmido.



Começou pela casa no extremo oposto à da Nancy Price. A porta principal estava pintada nesse tom indeterminado entre cinzento, azul e verde, que denotava bom gosto, e havia ervas aromáticas a crescer numa floreira sob a janela da frente. Um minuto depois a porta foi aberta por um homem que envergava um avental às riscas e limpava as mãos a um pano de cozinha. Do interior da casa chegava-lhe música clássica — uma peça que o Will reconheceu, mas cujo nome desconhecia.

— Sim...?

Olhou para o Will por trás de uns óculos com armações quadradas, a sua natural boa educação não ocultando muito bem a irritação por ter sido interrompido.

— Olá, peço desculpa por incomodar. O meu nome é Will Holt e venho de uma empresa de homologação de testamentos chamada Ansell Blake, Probate Researchers. Estamos a examinar a propriedade de uma senhora chamada Nancy Price, que acreditamos ter vivido na casa ao final da rua, e gostaria de saber se poderia ajudar-nos a confirmar alguns pormenores.

A experiência ensinara ao Will que precisava de fazer aquele pequeno discurso rapidamente. Se conseguisse chegar ao fim sem que lhe fechassem a porta na cara, já tinha metade do trabalho feito. O Mike Ansell tinha por hábito rematar a operação sugerindo que «o convidassem a entrar para uma pequena conversa», momento em que dava um passo em frente, dando ao incauto dono da casa a opção de o deixar entrar ou correr com ele. «E como ninguém deseja uma cena desagradável como essa à porta de casa, já entraste.» O Will sabia que a sua alma morreria um pouco mais se, para conseguir a sua comissão, recorresse a essas táticas.

Distraído, o homem passou a mão pelo cabelo ralo. Da cozinha chegava o aroma a especiarias, que sugeria conforto e calor. Apesar dos *M&M*, o estômago do Will roncou.

— Não creio poder ajudá-lo. O meu companheiro e eu comprámos esta casa há um ano e nessa época a residência ao fundo da rua já estava vazia. Para lhe ser sincero, assim abandonada prejudica um pouco a zona, se compreende o que quero dizer. Se conseguisse fazer alguma coisa, isso seria uma excelente notícia.

— Bem, se vier a confirmar-se que pertencia à senhora Price será vendida e o dinheiro distribuído pelos herdeiros. Não sabe dizer-me nada sobre ela? Se tinha algum parente?

Mesmo antes de o Will terminar a pergunta, o homem já abanava a cabeça, deseioso de regressar ao cozinhado e à sua música.

— Desculpe, não faço a menor ideia. Mas é possível que a pessoa que vive aqui ao lado, o senhor Greaves, saiba alguma coisa. Boa sorte para a sua investigação.

— Obrigado — disse o Will para a porta verde, azul e cinzenta.

A porta do Sr. Greaves era inequivocamente vermelha, embora a cor já estivesse um pouco desbotada e a aldraba de ferro fundido exibisse alguma ferrugem. O Will bateu e esperou, virando as costas à chuva e baixando a cabeça. Credo, estava frio. O caminho sob os seus pés, quiçá noutros tempos

bem tratado, tinha ervas daninhas a crescer por entre o pavimento. Voltou a bater. Antes de meter a mão no bolso a porta abriu-se.

— Olá. Peço desculpa por incomodar...

— Quer o quê?

O discurso ensaiado do Will ficou logo por ali. A mulher que viera abrir a porta era chinesa e minúscula. Pela estreita abertura na porta conseguiu ver que vestia uma túnica azul debruada a branco e que mostrava cara de poucos amigos.

— Seria possível falar com o senhor Greaves?

A sua voz soou-lhe estupidamente afetada, demasiado parecida com a imitação que o Ansell tanto gostava de fazer no escritório.

— Não. Senhor Greaves tomar o chá agora. Não receber visitas.

O sotaque dela era uma curiosa mistura de Extremo Oriente e East End.

— Posso esperar? Ou regressar daqui a meia hora? Venho da Ansell...

— Não. Depois de chá o senhor deitar-se. Nenhuma visita hoje. Volta amanhã.

E nada mais disse. A porta fechou-se com tanta força que o batente estremeceu e o Will foi deixado às escuras e à chuva, ambas aumentando de intensidade. Suspirou. A casa seguinte — a terceira da fila — estava mergulhada em escuridão, mas ainda assim ele percorreu o curto caminho e bateu à porta sem esperança ou entusiasmo; depois contou silenciosamente até 20 antes de voltar para trás.

Já estava no carro e preparava-se para ligar o motor quando reparou numa figura que descia a rua, de cabeça baixa, a caminhar com alguma dificuldade. Naquela escuridão não passava de uma silhueta recortada contra as luzes brilhantes da rua mais ao longe, mas não havia dúvidas de que se tratava de uma mulher; uma mulher cujos sapatos pareciam causar-lhe algum desconforto. Carregava um saco de compras bem cheio e, quando se aproximou do círculo de luz emitido pelo poste de iluminação pública, o Will viu-lhe o rosto pálido, o maxilar cerrado e o cabelo escuro molhado pela chuva. Parecia dirigir-se para a fila de casas — em direção à casa aonde tinha acabado de bater, supôs. Penosamente, abriu a porta do carro e preparou-se para enfrentar a chuva uma vez mais.

— Olá! Como está? Boa...

A mulher sobressaltou-se, com uma expressão de medo no seu rosto lívido. *Céus, sou tão idiota*, cogitou o Will ao mesmo tempo que estugava

o passo para a alcançar. Que mulher não ficaria aterrorizada ao ser abordada por um homem saído de um carro numa escura rua traseira? Tentou mostrar-lhe um sorriso encorajante e compreensivo.

— Desculpe... Peço desculpa, não queria... — Ao ver a expressão aflita no rosto dela, parou a alguns metros de distância. — Desculpe. Bati à sua porta, mas não estava, claro. — Oh, céus. — Venho de uma empresa chamada Ansell Blake...

Ela abanava a cabeça, encolhendo-se como se desejasse fugir.

— Não sei de nada. Está a falar com a pessoa errada.

E ele que acreditava que o dia não podia correr pior.

— Peço desculpa mais uma vez, pensava que morava aqui. Por favor perdoe-me. Estava à procura de uma pessoa que pudesse ajudar-me a saber alguma coisa sobre a senhora idosa que vivia naquela casa que está agora vazia e presumi... — Já estava a falar de mais e devia calar-se. — Desculpe.

Por instantes, não mais do que uma fração de segundo, o rosto magro da rapariga mostrou uma centelha de interesse. E logo depois desapareceu, extinta pela prudência.

— Lamento, não sei nada.

De cabeça baixa, afastou-se o mais depressa que conseguiu naqueles penosos sapatos, carregando o pesado saco de compras. E ele ficou sozinho, à chuva, sentindo-se não apenas um idiota como também culpado por a ter assustado.



Ele estava a observá-la, sentia-o. Não podia arrepiar caminho e regressar à casa. A única coisa que lhe restava fazer era continuar a andar.

Ao chegar às garagens avançou pelo matagal que havia atravessado na outra noite, tentando parecer o mais natural possível. Caramba, aquele homem devia pensar que ela era maluquinha — isso se não soubesse exatamente quem ela era e o que estava a fazer. Não conseguia recordar-se do nome da empresa onde ele dissera trabalhar, mas soava a advogados ou alguma coisa parecida. E se alguém a tinha visto na casa e feito queixa?

A sua mente começou a funcionar a mil à hora. Mas ele havia dito que procurava informações sobre uma idosa, não era? A velhota que vivera na casa. Saindo do amontoado de ervas e arbustos atrás dos caixotes de lixo, parou por

instantes para aliviar a pressão na bolha causada pelo sapato. Devia ter feito de conta que vivia ali na zona e perguntado o nome da idosa. Talvez ele também andasse à procura da Sra. Thorne.

A ideia provocou-lhe uma sensação estranha no peito, que podia ser excitação ou nervosismo. Queria encontrá-la; devia-lhe ao menos isso em pagamento dos bolinhos de figo, do arroz-doce e pelo empréstimo dos sapatos e do casaco. Aplacara a sua consciência prometendo que faria tudo ao seu alcance para encontrar a Sra. Thorne e entregar-lhe a carta do seu amor perdido. Se andasse mais alguém à procura dela isso duplicaria as suas hipóteses de sucesso, o que era bom.

Contudo, era estranho. Era como se a Sra. Thorne lhe pertencesse, embora nada soubesse sobre ela. Pelo menos as coisas mais básicas, como o nome próprio ou o seu aspeto, ou até se estava morta ou viva; sabia apenas que estivera apaixonada por um piloto americano chamado Dan, e que ele também a amara. E continuava a amar.

Caminhara sem se preocupar muito aonde ia, pensando apenas em deixar passar algum tempo até que fosse seguro regressar a casa; contudo, naquele instante reparava numa igreja do outro lado da rua. Era uma igreja com um estilo antiquado, com uma enorme torre quadrada de pedra cinzenta e um cartaz à porta que dizia IGREJA DE TODOS OS SANTOS. TODOS SÃO BEM-VINDOS, por cima de uma lista com os horários das missas e das comunhões. Lembrando-se do boletim que descobrira na pilha de correio, deu por si a atravessar a estrada.

O chão do pórtico estava coberto de folhas e pacotes vazios de batatas fritas. Sacudindo a chuva do cabelo, esquadrinhou os quadros para afixação de anúncios para ver se aparecia alguma menção a alguém chamada Price ou na escala para os arranjos florais ou por entre as ajudantes da escola dominical. Não havia. A porta da igreja estava ligeiramente aberta e ela espreitou para o interior.

O espaço era imenso e encontrava-se mergulhado no silêncio, mal iluminado por lanternas de vidro penduradas muito alto sobre o corredor. Abriu a porta o suficiente para conseguir entrar e avançou alguns passos hesitantes, que ecoaram pelas paredes. A sua respiração pairava diante do rosto e, além do odor a pedra fria e a verniz para madeira, cheirava a café.

Uma pequena área atrás da fila mais afastada de bancos havia sido transformada numa espécie de espaço doméstico, com um tapete vermelho no chão,

duas cadeiras de verga, uma estante com livros e uma caixa de plástico amarela que continha brinquedos. Um balcão de cozinha havia sido embutido na parede, sobre o qual via uma máquina de café. Quando se aproximou, atraída pelo cheiro, viu o pires com bolachas e um papel colado na parede que dizia: *Por favor, sirva-se.*

Pousou o saco das compras sobre uma das cadeiras e olhou em redor. Não se descortinava viva alma. Voltou a ler o papel, perguntando-se se seria algum truque, mas a tentação da cafeína e do açúcar eram demasiadamente fortes para conseguir resistir. Sobre o balcão também havia canecas e pires. Pegou numa e encheu-a de café, serviu-se de uma bolacha e em seguida outra. Estava a preparar-se para comer a terceira quando escutou passos atrás de si.

— Ah, vejo que encontrou as nossas bebidas. Ótimo, ótimo. Espero que o café ainda esteja bom. Foi feito esta tarde, mas se ficar aí demasiado tempo começa a saber a lama.

O mais impressionante no homem que acabara de falar era o facto de vestir a camisola mais hedionda que se podia imaginar; demasiadamente grande, tricotada à mão e com riscas de cores vivas. A segunda coisa impressionante era o sorriso: largo, com dentes brancos a contrastar com a barba escura.

— N-não, está ótimo. Obrigada.

— Nesse caso, se não está apenas a ser educada, faça o favor de se servir de outro. Hoje não temos ensaio do coro, por isso se não o beber vai ser deitado fora. A propósito: chamo-me Tony. Tony Palmer.

Estendeu-lhe a mão. Ela apertou-a timidamente, tentando não fixar a gola da camisola, para não apurar se por baixo ele usava uma coleira de cão ou se era apenas uma camisa. Parecia bastante simpático para vigário. Muito normal.

— É o...?

— O vigário, sim. — Passou por ela e serviu-se de um café e em seguida colocou uma bolacha num pires. — Pode dizer-me o seu nome? Mas não tem de o fazer, se não desejar.

Por vontade dela não o faria, mas uma vez que estava a beber o café dele e a comer as suas bolachas pareceu-lhe indelicado recusar.

— Jess — respondeu. — Jess Moran.

— É um prazer conhecê-la, Jess, e bem-vinda à Igreja de Todos os Santos. Embora numa noite fria como esta eu seja o primeiro a admitir que não é o mais acolhedor dos lugares.

Fingiu tiritar de frio e sorriu uma vez mais. Era um belo sorriso, mas a Jess resistiu a deixar-se contagiar. Não queria que ele a confundisse com uma frequentadora de igrejas. Ela e a avó nunca costumavam perder um episódio do programa religioso *Songs of Praise*, mas assistiam apenas por causa dos hinos. Fora a acompanhar as letras que apareciam no fundo do ecrã que descobrira que tinha talento para cantar. A sua avó costumava dizer que as igrejas estavam cheias de intronetidas: mulheres com demasiado tempo livre e nada melhor para fazer além de arranjos florais e julgar todos os outros que tentavam apenas gerir as suas vidas.

A Jess encolheu os ombros.

— Não sou religiosa, nada que se pareça. Estava apenas... de passagem.

— Não tem importância. As pessoas entram por várias razões e são todas bem-vindas. Exceto aquelas que entram para roubar as velas — passo bem sem essas. As restantes, recebo-as de braços abertos. Quer venham apenas conversar, sentar-se no silêncio ou beber uma chávena do nosso sofrível café. As igrejas precisam de pessoas. Quando estão vazias não passam de edifícios. — Tony Palmer deu um gole no seu café e disse num tom pesaroso: — Hoje em dia, as pessoas acham que não precisam das igrejas e é por isso que temos de continuar a trabalhar para que venham. Aqui temos grupos para crianças, um clube de leitura, uma aula de arte e um clube de almoços para idosos, tudo sem mencionar a palavra começada por D. — Olhou para cima e articulou em silêncio — *Deus*.

A Jess descontraiu. O clube de almoços para pessoas idosas lembrou-a do motivo que a levava ali.

— Por acaso não conhece uma senhora chamada Price? É uma mulher idosa. Talvez venha aos seus almoços?

— Price... — Pensou por instantes. — O nome não me é estranho, embora não consiga visualizar o rosto. Não creio que esteja presente nos almoços, mas também só estou aqui há 18 meses, por isso ela pode tê-los frequentado antes disso. É da família?

A Jess pousou a chávena e abanou a cabeça.

— É amiga de uma amiga, apenas isso. Mas também não é importante. — Pegou no saco das compras que deixara sobre a cadeira. — Obrigada pelo café. E pelas bolachas.

— Sempre às ordens.

Consciente de que os olhos dele a seguiam, tentou caminhar o mais normalmente possível naqueles sapatos demasiado grandes e com o tornozelo dorido. Já quase havia chegado à porta quando ele a chamou.

— Jess? Estava aqui a pensar...

Ela voltou-se. O vigário caminhou na sua direção, batendo com o indicador no lábio inferior.

— Escute, não sei se está muito ocupada com o seu trabalho ou outros compromissos, mas é muito bem-vinda aos nossos almoços. Assim pode perguntar aos outros membros do clube sobre a senhora Price. Os almoços têm lugar às segundas-feiras e às quintas, no salão paroquial. — Esboçou um sorriso tímido. — Claro que quando digo que é bem-vinda quero na verdade dizer que seria excelente ter sangue novo. Os mais idosos adoram um rosto jovem. E o almoço é gratuito, claro. Comida quente e em abundância. — Bateu na barriga por baixo do pulôver.

— OK... Obrigada.

Pensara em dar uma qualquer desculpa, mas tinha tanta fome que a ideia de uma refeição gratuita era demasiado tentadora para recusar. Só quando se afastou é que lhe ocorreu que o pastor se dera conta disso mesmo. Havia sido isso, e não o argumento do sangue jovem, que o levava a convidá-la.

Esse pensamento era estranhamente inquietante.





## 1943, NAS RUÍNAS DE UMA LONDRES ARRASADA PELO BLITZ.

Stella é casada. Dan é um soldado americano prestes a partir para a guerra. Quando um encontro acidental os junta, os dois apaixonam-se de forma inesperada. Mas o amor deles é tão intenso quanto impossível. Obrigados a uma separação dolorosa, Stella e Dan começam a trocar cartas todos os dias, sendo esta a única forma de se manterem juntos.

### SETENTA ANOS DEPOIS.

Dan ainda não desistiu de voltar a encontrar a sua amada. Apesar da idade, vai tentar uma última vez. A carta que envia, para a única morada que conhece, é recebida por Jess. Embora assoberbada com os seus problemas, ao ler a história comovente da carta, Jess ganha uma nova determinação. É impossível ignorar um amor tão bonito, que ardeu tão forte, e que a vida separou.

Imediatamente, ela decide que vai ajudar Dan a encontrar Stella. Tem de dar um novo rumo àquela história de amor...



**«Uma narrativa envolvente de amores perdidos  
e amores encontrados.»**

***Booklist***

**«Uma história maravilhosa.»**

**Rosamunde Pilcher, autora n.º 1 do *New York Times***

<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-33-1  9 789898 917331 Romance Histórico
--	---